

FAKE NEWS COMO REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA: O CASO DO KIT GAY

Fake news as representation of violence: the kit gay case

Bruna Agapito(UFG)¹

Rubens Damasceno-Morais(UFG)²

RESUMO: Por meio do Modelo Dialogal da Argumentação (PLANTIN, 2008, 2011, 2016, 2018; GRÁCIO, 2009, 2010, 2012, 2013), este estudo mostrará como as *fake news* (ELLISON & BOYD, 2013) atuam como manifestação da violência, numa interação em redes sociais. Ali será analisado o conflito (*estase*), por meio do jogo de papéis actanciais, na plataforma *Facebook*, a qual se tem mostrado como eficaz palco de polêmicas (AMOSSY, 2017, 2018). No atual contexto de interação propiciado pelas plataformas online, as redes sociais são ferramentas democráticas e de fácil acesso, mas com conteúdo de violência rara, além de terreno fértil para a disseminação de *fake news*, foco desta pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Modelo Dialogal da Argumentação. *Estase*. Polêmica. *Fake news*. Redes Sociais

ABSTRACT: Using the Dialogal Model of Argumentation (PLANTIN, 2008, GRÁCIO, 2013), this study intend to show how fake news (ELLISON & BOYD, 2013) act as a manifestation of violence, in an interaction on social networks. We seek to analyse the conflict (*stasis*) between people on the Facebook platform, which has proved to be an effective stage for controversies (AMOSSY, 2017). In the current context of interaction provided by online platforms, social networks are democratic and easily accessible tools, but with rare violent content, as well as fertile ground for the spread of fake news, the focus of this research.

KEYWORDS: Dialogal Model of Argumentation. *Estase*. Controversy. Fake news. Social Media.

Introdução

Durante as eleições para o cargo de presidente da República Federativa do Brasil no ano de 2018, as redes sociais foram utilizadas como ferramenta para discussões com teor político e/ou a partir

de temas ligados ao momento das eleições presidenciais. O modelo de interação proporcionado pelas plataformas digitais possibilitou a participação ativa e dinâmica entre as pessoas conectadas em rede e isso fez

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás e bolsista do CNPq. Email: bruna_agapito@discente.ufg.br

² Professor Doutor em dedicação exclusiva pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Email: damasceno.morais@ufg.br

com que as discussões relacionadas à política, sociedade e ideologia se intensificassem. As discussões políticas protagonizadas em redes sociais apresentam-se de forma incisiva e, por vezes, violenta (CABRAL & LIMA, 2016), de uma violência verbal rara. Razão pela qual esta pesquisa contribui para compreendermos um pouco da violência e suas formas de representação, via mídia.

O amplo acesso aos conteúdos e a possibilidade de comentar, curtir e/ou compartilhar publicações disponíveis nas plataformas promove uma espécie de “ambiente democrático” para a participação ativa dos internautas, mas de uma crueldade ímpar, visto que todos falam o que querem sem se importarem com suas asserções, muitas vezes violentas e que em nada contribui para um debate de fato democrático. Devido à possibilidade de interagir em postagens públicas diversas, os internautas travam situações conflituosas diariamente, pois opiniões são constantemente colocadas à prova no espaço virtual. É neste contexto de choque constante entre pontos de vista que as propaladas *fake news* emergem, pois neste jogo argumentativo não há regras que estipulem o que é certo ou errado, importa acionar em cada discurso posicionamentos que corroborem com a defesa do ponto de

vista proposto, independente da veracidade do conteúdo.

Essa interação entre os usuários das redes sociais, precisamente, os desdobramentos e a progressão argumentativa oriunda da publicação de uma *fake news* sobre o candidato Fernando Haddad serão analisados por meio do Modelo Dialogal da Argumentação (PLANTIN, 2008, 2011, 2016, 2018; GRÁCIO, 2009, 2010, 2012, 2013). Diferentemente da abordagem da dialética aristotélica, a qual busca catalogar e classificar os argumentos, nesta perspectiva busca-se analisar a forma como pontos de vista antagônicos são concebidos para uma mesma *questão argumentativa*, em situação concreta de interação conflituosa. Além da verificação da construção destes pontos de vista, objetiva-se explorar os resultados da contraposição de discursos orientados por uma mesma questão, isto é, a emergência da *estase argumentativa* – isto é, o choque gerado pela contraposição de discursos antagônicos - orientados por uma mesma questão – e sua articulação com a polêmica argumentativa (AMOSSY, 2017).

Será perscrutada, neste estudo, a presença das *fake news* nas redes sociais durante as eleições presidenciais de 2018 no Brasil e sua implicação na formação

da opinião pública por meio da potencialização do *dissenso* (AMOSSY, 2017). Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo analisar a relação estabelecida entre o Modelo Dialogal da Argumentação, a polêmica argumentativa em consonância com a *estase argumentativa*, e a propagação de *fake news*. Para isso será explorada a atuação dos papéis argumentativos, compostos pela tríade Proponente-Oponente-Terceiro (PLANTIN, 2008, 2016, 2018), como categorias para que se tente compreender como se estabelecem e se potencializam pontos de vista antagônicos no corpus selecionado.

Este artigo divide-se em três partes, além das considerações iniciais e finais. São elas: 1) Pressupostos teóricos, na qual faremos um breve percurso histórico da argumentação e ainda apresentaremos o Modelo Dialogal da Argumentação, discorrendo brevemente sobre questões acerca da construção da polêmica argumentativa e do *dissenso*. Na parte 2, contextualizamos a pesquisa. Ali discutiremos brevemente o papel das redes sociais nos dias de hoje, as *fake news* nas plataformas digitais e, como

preparação para a análise de dados, apresentaremos o caso do “Kit Gay”³, divulgado às vésperas do pleito de 2018. Na terceira e última parte, propomos, a partir da perspectiva Dialogal, uma análise dos comentários que foram emitidos por internautas a partir da onda de *fake news* sobre o “kit gay” e que representa uma forma de violência em rede.

A violência desencadeada pela *estase argumentativa*

Inicialmente influenciado pelos trabalhos de Ducrot sobre a Argumentação na Língua, Christian Plantin, na década de 1980, direcionou seus estudos para o campo do discurso por meio da influência de trabalhos como os de Perelman e Olbrechts-Tyteca, Hamblin, van Eemeren e Grootendorst. Diante disso, ressalta-se que é “[...] do entrecruzamento de filiações argumentativas e dialógico-interativas, às quais Plantin se inscreve, que nasce sua proposta de um Modelo Dialogal da Argumentação” (MASSMANN, 2011, pág. 02). Neste sentido, destaca-se que o Modelo Dialogal da Argumentação prioriza o

³ O “kit gay” é um termo pejorativo criado pela Frente Parlamentar Evangélica para se referir ao projeto “Escola Sem Homofobia”, o qual teve início em 2004 a partir do projeto “Brasil sem Homofobia Programa de Combate à Violência e

à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual”. Trataremos detidamente acerca deste tema nas próximas seções.

estudo das situações concretas de interação em que a contraposição de discursos orientados por uma mesma *questão* se faz presente.

A *questão argumentativa* é produzida por meio da contraposição entre discurso e contradiscurso (Plantin, 2008, p. 69). Desse modo, “A atividade argumentativa é desencadeada quando se põe em dúvida um ponto de vista. No plano epistêmico, duvidar é estar em um estado de ‘suspensão do assentimento’ acerca de uma proposição [...]” (PLANTIN, 2008, p. 63). Conforme destaca o referido autor, a *questão argumentativa* instaura-se a partir do momento em que o Oponente – este conceito será abordado na próxima seção – não ratifica o ponto de vista do Proponente. E isso gera atritos, conflitos e violência verbal, seja em plataformas digitais seja num simples bate-papo.

Ainda em conformidade com Plantin (2011) a argumentação será estabelecida somente se houver a presença de contradição de discursos sobre uma mesma *questão argumentativa* em uma situação concreta de interação. Segundo o autor a “[...] argumentação [...] é uma forma de interação problematizante formada de intervenções orientadas por uma questão” (2011, p.18). Essa questão desencadeará a *estase argumentativa*, a qual possui raízes no campo da medicina

e como tal designa o “bloqueio da boa circulação dos fluidos humanos” (Damasceno-Morais 2018, p. 9). Ao ser transposto para o campo da argumentação, esse termo passou a designar a divergência de opiniões acerca de uma questão argumentativa; e por que não, um arroubo do desacordo, que pode culminar com a violência verbal. Nesse território “estásico”, as análises propostas pelo Modelo Dialogal da Argumentação visam ultrapassar a abordagem voltada para a catalogação dos discursos separando-os em argumentativos e não argumentativos. Objetiva-se, a partir de tal perspectiva, descrever e analisar as estratégias utilizadas pelos argumentadores em uma situação concreta de interação, a fim de identificar os efeitos que um discurso pode produzir no discurso do outro e quais os efeitos gerados sobre a progressão da argumentação (Plantin, 2011).

Nessa perspectiva, a interação será argumentativa a partir do momento em que a divergência entre dois discursos se tornar uma questão a ser discutida. Ademais, será necessária a divisão clara dos papéis actanciais “[...] de Proponente (que apoia plenamente uma Proposição), de Opositor (que rejeita essa Proposição) e de Terceiro (que se questiona sobre ela) [...]” (*Ibid.*, p. 17). Torna-se necessário,

portanto, distinguir os *papéis actanciais* dos *atores da situação comunicativa*. Os *papéis actanciais* são papéis de atuação, isto é, referem-se à escolha dos argumentadores diante de um determinado assunto posto em discussão. Isso quer dizer que os argumentadores atuam propondo uma tese (assumindo o papel de Proponente), opondo-se a ela (assumindo o papel de Oponente) ou duvidando dela (assumindo o papel de Terceiro).

Já os *atores da situação comunicativa* são as pessoas inseridas no contexto de interação. Ressalta-se que os papéis de atuação não são fixos, o que quer dizer que em uma mesma situação de interação o ator que assumiu o papel actancial de Proponente pode mudar seu posicionamento e migrar para o papel de Oponente ou Terceiro, por exemplo. Nesse sentido, é possível ainda, em uma interação, que o mesmo papel actancial (papel argumentativo) seja assumido por vários atores. Basta que um dos actantes, ao atuarem no papel de “Proponente”, de “Oponente” ou de “Terceiro”, alinhe-se com um dos discursos apresentados, isto é, com uma das teses que se constroem antagonicamente ao longo de uma interação argumentativa. Em outros termos, é possível que os atores assumam papéis argumentativos

diferentes numa mesma discussão, os quais podem ser de Proponente, Oponente ou de Terceiro.

A polêmica argumentativa e o dissenso

A divergência de opiniões, em muitos casos, gera tensão e sucessivas discussões que podem ser potencializadas a depender do lugar em que ela se instaura. As redes sociais podem ser um exemplo de um espaço de potencialização do desacordo violento, pois é nele que as pessoas se apropriam de discursos e atuam ativamente em discussões que dizem respeito a questões sociais e/ou políticas. Esse debate sobre um tema atual e de interesse público, capaz de dividir opiniões entre dois polos antagônicos é o que Ruth Amossy (2017) concebe como polêmica argumentativa.

Geralmente associada a uma carga semântica pejorativa, a polêmica ocupa um lugar privilegiado no seio de uma sociedade democrática. Há certa contradição com relação a seu grau de relevância, pois, teoricamente, a polêmica é marcada negativamente, como um obstáculo a ser superado ou evitado. Na prática ela é frequentemente acionada para assumir o papel de gestora do conflito de opiniões. Nas palavras de Amossy (2017, p. 12, grifos da autora),

“a polêmica preenche funções sociais importantes, precisamente em razão do que é em geral criticado nela: uma gestão verbal do conflito realizada sob o modo da dissensão”. A autora explica que essa afirmação pode parecer um tanto quanto paradoxal na medida em que a retórica objetiva o consenso ou um acordo sobre o razoável.

Nesse sentido, a polêmica impulsiona o desacordo na medida em que aciona dois discursos contraditórios para uma mesma questão argumentativa. Por este motivo, a polêmica encontra-se intimamente ligada ao *dissenso* e, certamente, à violência verbal, que se materializam em forma de (in)verossímeis *memes* e, ainda, pelas muitas vezes bem engendradas *fake news*. Nesse tipo de material o *dissenso* se alastra, com um lado negativo, quando busca apenas destilar discursos de ódio, mas que, segundo Amossy, também apresenta um lado positivo, pois, como a autora explicita, não é possível alcançar o consenso em uma sociedade pluralista. É justamente o *dissenso* o responsável por mover as engrenagens que alicerçam uma sociedade democrática. Concordamos com Amossy quando ela defende a tese de que a polêmica desempenha papel fundamental em um modelo democrático de sociedade. Sendo assim, o que sustenta, portanto, a

carga negativa atrelada a este conceito?

Conforme destaca a própria autora,

Evidentemente, pode-se explicar o fenômeno pela incapacidade dos cidadãos, como pessoas políticas, de seguir as regras do debate racional, ou ainda pela curiosidade insana que o público das mídias tem pelo espetáculo da violência verbal. [...] Estamos na sociedade do espetáculo: as polêmicas atraem porque são lúdicas – podemos contar os ataques que acontecem nelas e apontar os vencedores – e não porque elas nos forcem a refletir. (AMOSSY, 2017, p. 08).

É válido destacarmos que nem toda violência verbal configura-se numa polêmica. Para que isso aconteça, é necessário, primeiramente, a contraposição de discursos sobre um mesmo tema. O simples ataque da violência verbal não sustenta um discurso. É neste contexto que o Modelo Dialogal da Argumentação vai ao encontro da perspectiva de polêmica adotada por Ruth Amossy, na medida em que aciona a presença de pelo menos dois discursos contraditórios referentes à uma mesma questão argumentativa ligada ao contexto social. A emergência da *estase* (e da polêmica), a partir do confronto entre Proponente e Oponente, pode ser esquematizada da seguinte forma:

Esquema (1): Modelo Dialogal da argumentação e emergência da Estase/Polêmica



(Fonte: Elaboração própria).

A polêmica em sua modalidade argumentativa e a *estase argumentativa* estão intimamente relacionadas ao Modelo Dialogal da Argumentação, pois é a partir da contraposição entre discurso e contradiscurso que ambas emergem. É válido lembrar que a concepção de polêmica adotada neste estudo versa sobre os escritos de Ruth Amossy (2017, p. 53), para quem a polêmica é

[...] um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios das sociedade[s] mais ou menos importantes numa dada cultura. [...] A primeira marca da polêmica como debate da atualidade é uma oposição de discurso. O antagonismo das opiniões apresentadas no seio de um confronto verbal é sua condição *sine qua non*. (AMOSSY, 2017, p. 49).

Destaca-se que a contraposição de discursos sobre um tema de interesse público e social e, o choque entre

discursos antagônicos acerca de um mesmo tema ou questão, é o que marca o caráter argumentativo da polêmica perspectivada por Amossy. O conflito é essencial tanto para polêmica argumentativa, quanto para a argumentação em perspectiva dialogal, na medida em que convocam o choque entre pontos de vista antagônicos acerca de uma mesma questão.

As redes sociais e a propagação do discurso de ódio

A manifestação da polêmica adquiriu ares extremamente importantes na virada do século XXI. Isso porque, no que diz respeito à mídia, com o advento da internet houve mudanças na forma de interação entre as pessoas. Portanto, ter na palma das mãos acesso e liberdade para expressar uma opinião sobre a discussão de um determinado tema gerou certa espetacularização da polêmica. Há nessas discussões um cenário que pode ser descrito como um combate, pois é possível contar os ataques proferidos entre os debatedores e eleger um vencedor e um perdedor – que provavelmente será ridicularizado por aqueles que acompanharam a discussão. Vencer uma discussão está intimamente relacionado com a forma como os argumentos são expostos e a astúcia do

debatedor ao defendê-los. Dessa forma, a veracidade dos juízos expostos torna-se irrelevante nesta disputa, uma vez que o objetivo deste tipo de confronto é vencer o combate “*per fas et per nefas*” (SCHOPENHAUER, 1997, p. 100).

Conforme nota Plantin (2011, p. 24), “Sabe-se muito bem que é melhor ser criticado do que ignorado, e que ser a fonte de uma polêmica é sempre considerado como uma posição ideal. Procurar os contraditores é sempre uma estratégia argumentativa”. Essa estratégia de desencadear uma polêmica tem sido frequentemente utilizada pelas grandes mídias, cada qual com seus propósitos, seja para reforçar um argumento, seja para gerar visibilidade ou mesmo incitar o discurso de ódio destilando toda sorte de preconceitos.

A internet tem se tornado um dos principais meios de difusão de mensagens devido a sua facilidade de acesso. Por um lado, a facilidade de acessar uma rede, obter informações sobre qualquer assunto em qualquer lugar no mundo, comunicar-se com qualquer pessoa trouxe de certa forma mais liberdade de expressão. Em contrapartida, essa disseminação de informações e a não necessidade de identificação de autoria fez com que o nível de violência, agressão verbal e o compartilhamento de informações

fundadas em inverdades tomassem proporção significativa – como é o caso das *fake news*, como veremos a seguir.

As fake news como instigadores da violência em rede

No mundo virtual, a grande “velha novidade” tem sido as famosas “*fake news*”, que ganharam visibilidade durante a eleição presidencial nos Estados Unidos no ano de 2016. Naquela ocasião, a imprensa contratada por Donald Trump para consultoria política manipulou e coletou dados pessoais de usuários do Facebook a fim de disseminar informações inverídicas favoráveis à imagem de Trump em contraste com a imagem de Clinton (ANGST e BOGLER, 2019). Uma das estratégias políticas mais antigas consiste em descredibilizar o oponente por meio de atribuições infames a seu respeito (BRAGA, 2018, p. 207). É a partir deste contexto que as redes sociais passaram a contribuir de maneira significativa para a propagação de fake news (ANGST e BOGLER, 2019).

O rótulo “*fake news*”, marcadamente presente nos discursos de Trump (ANGST e BOGLER, 2019), consiste na manipulação e divulgação de informações aparentemente verdadeiras, mas que apresentam conteúdo falso ou deturpado. Com relação à estrutura, as

fake news assemelham-se ao gênero textual jornalístico notícia, ao apresentar-se em forma de textos informativos, curtos e descritivos/narrativos com linguagem objetiva. Neste sentido, o conceito de *fake news* adotado neste estudo alinha-se com a definição proposta por David Lazer *et ali* em artigo recentemente publicado na revista Science. Segundo os autores, as *fake news* podem ser definidas como

[...] “notícias falsas” como informações fabricadas que imitam o conteúdo da mídia de notícias na forma, mas não no processo ou intenção organizacional. Os meios de comunicação falsos, por sua vez, carecem das normas e processos editoriais da mídia para garantir a precisão e credibilidade das informações. As notícias falsas se sobrepõem a outros distúrbios da informação, como desinformação (informação falsa ou enganosa) e desinformação (informação falsa que é propositalmente espalhada para enganar as pessoas) (tradução livre). (LAZER *et ali*, 2018, p. 02.)⁴

Os veículos de comunicação utilizados para compartilhar notícias falsas

⁴ We define “fake news” to be fabricated information that mimics news media content in form but not in organizational process or intent. Fake news outlets, in turn, lack the news media’s editorial norms and processes for ensuring the accuracy and credibility of information. Fake news overlaps with other information disorders, such as misinformation

carecem de normas editoriais para atestarem sua credibilidade (LAZER *et ali*, 2018). Os elementos estruturais que se assemelham ao gênero notícia que compõem as *fake news*, o teor persuasivo voltado para o apelo às emoções, somados à dinamicidade das redes sociais fornecem ferramentas necessárias para que as *fake news* sejam legitimadas. Outro fator que contribui para a legitimação das *fake news* está relacionado ao conceito de “*post-truth*”. Eleita palavra do ano pelo Dicionário de Oxford em 2016, “*post-truth*” é definido como “relativo a/ou que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influenciadores na formação da opinião pública do que apelos à emoção ou à crença pessoal”⁵. Desse modo a veracidade das informações passam a ser relativizadas ao passo que a mentira passou a ser banalizada. Conforme nota Llorente, (2017, p. 09):

A divulgação de falsas notícias conduz a uma banalização da mentira e, deste modo, à relativização da verdade. O valor ou a credibilidade dos meios de comunicação se veem reduzidos diante das opiniões pessoais. Os acontecimentos

(false or misleading information) and disinformation (false information that is purposely spread to deceive people).

⁵ <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/post-truth> Acesso em: 20/10/2019.

passam a um segundo plano, enquanto o “como” se conta a história ganha importância e se sobrepõe ao “o quê”. Não se trata, então, de saber o que ocorreu, mas de escutar, assistir, ver, ler a versão dos fatos que mais concorda com as ideologias de cada um.

É, portanto, neste contexto de banalização da mentira e relativização da verdade, regada a muita violência verbal, que as *fake news* ganharam visibilidade devido a seu caráter apelativo voltado para a persuasão por meio das emoções. Dessa forma a checagem das (falsas) notícias compartilhadas em redes sociais torna-se irrelevante.

O caso do “kit gay”

É neste contexto de disseminação de *fake news* e participação política ativa nas redes de compartilhamento online, como discutido em seções anteriores, que estabelecemos o corpus desta pesquisa. Desse modo, analisaremos uma publicação/compartilhamento de uma verdadeira *fake news* veiculada pela plataforma Facebook. A imagem que apresentamos a seguir dialoga com um discurso proferido pelo até então candidato à presidência da República Jair Bolsonaro, em uma entrevista concedida à rádio Jovem Pan no dia 9 de

outubro de 2018⁶. Na ocasião, Bolsonaro afirma que seu adversário Fernando Haddad foi o responsável por criar um suposto “kit gay”. Essa afirmação vai ao encontro de outro discurso proferido por ele durante uma entrevista concedida ao Jornal Nacional no dia 28 de agosto de 2018⁷. Durante a entrevista o candidato afirmou que o “kit gay” tratava-se de um material inapropriado para crianças devido à suposta apologia ao sexo e naturalização das relações homoafetivas. Afirmou ainda que um dos livros que compunham esse kit possuía exemplares nas bibliotecas das escolas públicas.

Durante a entrevista concedida ao Jornal Nacional, a repórter que o entrevistava, Renata Vasconcelos, retoma algumas declarações polêmicas proferidas por Jair Bolsonaro a respeito da comunidade LGBT e pergunta ao candidato se ele considera tais declarações homofóbicas. Ao tomar seu turno de fala, o candidato não responde diretamente ao que lhe foi perguntado e como resposta o candidato apresenta outra tese para ser discutida: a relação entre a homossexualidade e a suposta doutrinação de crianças por meio do “kit gay”.

⁶ Disponível em: <https://jovempan.com.br/eleicoes-2018/presidenciais/o-haddad-criou-o-kit-gay-diz-jair-bolsonaro.html>.

⁷ Confira a entrevista na íntegra: <https://globoplay.globo.com/v/6980200/>.

O “kit gay” é um termo pejorativo criado pela Frente Parlamentar Evangélica para se referir ao projeto “Escola Sem Homofobia”, o qual teve início em 2004 a partir do projeto “Brasil sem Homofobia Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual”. O projeto Escola Sem Homofobia contém materiais voltados para o combate à homofobia e, ao contrário do que afirma Jair Bolsonaro, este material não é encontrado nas bibliotecas das escolas públicas e também não foi distribuído para as crianças em sala de aula. O material foi elaborado para ser distribuído aos professores e não aos alunos. O livro que o candidato mostrou em entrevista ao *Jornal Nacional*, *Aparelho Sexual e Cia*, da autora francesa Hélène Bruller, não faz parte do projeto Escola Sem Homofobia.

É a partir deste contexto que a associação entre o livro *Aparelho Sexual e Cia*, o apelidado de “kit gay”, e o candidato à presidência da República Fernando Haddad tornou-se viral. As redes sociais foram bombardeadas por postagens referentes a este assunto, inclusive as *fake news* contribuíram para a “ratificação” e propagação desta (des)informação. Verifica-se essa

ratificação a partir do número de comentários e compartilhamentos de imagens relacionadas. No corpus que será apresentado na seção seguinte, constatou-se que houve cerca de 951 comentários e 61 mil compartilhamentos até a data da coleta dos dados. De certa forma, este tipo de deturpação de informação corroborou para a construção negativa da imagem pública do candidato Fernando Haddad. A notícia em questão possui maior peso devido à representatividade da figura pública que primeiro chamou atenção para essa questão. A imagem pública de Jair Bolsonaro foi construída em oposição à imagem de Fernando Haddad na medida em que ele criticava com veemência o material ao mesmo tempo que culpabilizava seu principal adversário pela elaboração do suposto “kit gay”.

A construção da violência por meio dos papéis actanciais: A atuação do Proponente

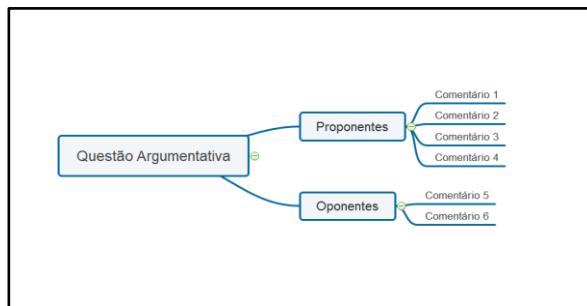
Os papéis actanciais, como discutido em seções anteriores, são determinados por meio do posicionamento adotado pelos indivíduos (atores, na terminologia de Plantin) diante de uma mesma questão argumentativa. Dito de outro modo, a partir de uma mesma questão

argumentativa, ou seja, uma questão geral, os participantes da interação buscarão expor e defender seus pontos de vista. Para isso, eles precisarão propor uma tese e defendê-la, pois, no Modelo Dialogal da argumentação não basta somente propor ou discordar de uma ideia, é necessário expor e defender pontos de vista. É, a partir da exposição de pontos de vista sobre um determinado tema, que surgem os contraditores. A tensão estabelecida entre o choque de opiniões antagônicas direcionadas para uma mesma questão recebe o nome de *estase*. Dentro dos papéis actanciais temos ainda o mediador que atua como juiz, ou seja, um terceiro participante que não ratifica nenhum dos posicionamentos propostos, mas chama atenção para uma reflexão geral sobre o tema discutido.

De modo geral, o Modelo Dialogal da argumentação propõe a análise da interação entre três papéis actanciais: Proponente, Oponente e Terceiro. Porém, o próprio arcabouço admite que a análise da interação entre os papéis actanciais é possível de ser realizada utilizando-se somente dois papéis actanciais devido à possibilidade de troca de papéis durante a interação. Neste sentido, esta pesquisa se ateve à análise dos papéis actanciais de Proponente e Oponente, devido à finalidade da

proposta de pesquisa. A imagem (1) abaixo ilustra a forma como Modelo Dialogal da argumentação será aplicado aos dados. Vejamos:

Imagem 1: Atuação dos papéis actanciais no Facebook



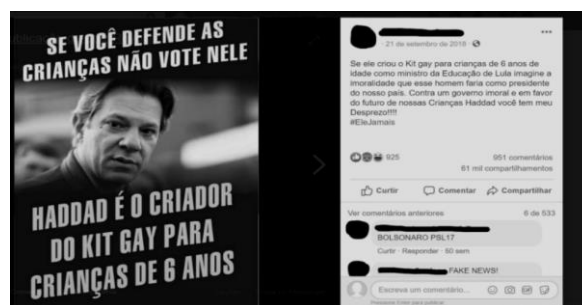
(Fonte: Elaboração própria).

A imagem (1) ilustra a forma como o Modelo Dialogal da Argumentação aplica-se aos dados utilizados nesta pesquisa. A questão argumentativa, ou seja, a questão responsável por orientar os Proponentes e os Oponentes na construção de pontos de vista antagônicos é apresentada no *corpus* a partir da seguinte questão argumentativa: “*Haddad possui credibilidade para ser presidente do Brasil, sendo ele o criador do material que objetiva doutrinar e corromper as crianças?*”, a qual, lembramos, é uma “questão” que dá origem a dois posicionamentos antagônicos. Dessa forma, tentando enquadrar a análise no modelo aqui posto à prova, temos que o internauta que primeiro assume o papel

de Proponente e que em seguida desencadeará a estase, o faz a partir da seguinte legenda: “*Se ele criou o Kit gay para crianças de 6 anos de idade como ministro da Educação de Lula imagine a imoralidade que esse homem faria como presidente do nosso país. Contra um governo imoral e em favor do futuro de nossas Crianças Haddad você tem meu Desprezo!!!! #EleJamais*” (Imagem 2, a seguir). Essa colocação é responsável por desencadear a estase na medida em que aciona contraditores e aliados. Ou seja, os internautas que assumem o papel de Oponente desenvolverão teses a fim de contrastar o posicionamento do Proponente – ou melhor, dos proponentes, na medida em que outros internautas se alinharão ao posicionamento apresentado. Nesse sentido, a imagem (2) a seguir, e que será o marco da análise que vamos empreender posteriormente, foi publicada na plataforma Facebook no dia 21 de setembro de 2018 e comporta informações deturpadas que relacionam o candidato Fernando Haddad ao “kit gay” e às crianças das escolas públicas. Essa postagem é resultado de um discurso que permeava o cenário brasileiro durante o período eleitoral,

como já explicado. Este discurso parte de afirmações/acusações proferidas pelo candidato Jair Bolsonaro em entrevistas concedidas ao Jornal Nacional e à rádio Jovem Pan, nas quais ele relaciona os três elementos supracitados. Confira:

Imagem 2: A emergência da estase



(Fonte: Facebook⁸)

A imagem (2) comporta uma *fake news* que relaciona o candidato Fernando Haddad à criação do kit gay por meio da seguinte colocação: “*Se você defende as crianças não vote nele Haddad é o criador do kit gay para crianças de 6 anos*”. Ali temos a tentativa agressiva e violenta de construção de uma imagem pública negativa do candidato por meio de afirmações deturpadas que possuem origem no discurso do candidato Jair Bolsonaro. Considera-se a imagem uma *Fake news* devido à comprovação da deturpação das informações que relacionam o candidato Fernando

⁸ Disponível em <https://www.facebook.com/PrLuizfilipe/posts/10212246262288711>

Haddad ao suposto “kit gay”. O fato de se tratar de uma fala proferida por uma figura pública – o candidato à presidência da República Jair Bolsonaro – contribui para a legitimação da informação, e isso potencializa a disseminação de *fake news* nas redes sociais e o consequente massacre midiático originado a partir de tal “informação” sobre o candidato.

Como já destacado, na iminência de situarmos a análise aqui proposta no bojo da Teoria Dialogal, a partir da publicação acima, permite a elaboração de uma questão argumentativa do tipo: “*Haddad possui credibilidade para ser presidente do Brasil, sendo ele o criador do material que objetiva doutrinar e corromper as crianças?*”. Nesse sentido, adotaremos como questão argumentativa essa possibilidade de leitura a respeito da imagem que se constrói do candidato Haddad.

As postagens públicas nas redes sociais são marcadas pelo choque constante de opiniões antagônicas. O próprio formato de interação que as ferramentas de compartilhamento online apresentam corroboram essa constante tensão. Questões de interesse social veiculadas pelas redes sociais viralizam rapidamente, pois o espaço virtual foi desenvolvido para promover interação entre indivíduos. Essa interação gera

situações conflitantes devido à divergência de posicionamentos. Como vimos, a situação conflitante torna-se *estase* na medida em que a divergência de pontos de vista se aplica num mesmo espaço sobre uma mesma questão argumentativa. É dessa forma que a plataforma Facebook tornou-se ferramenta propícia para atuar como palco de interação que resultará em estase, polêmica e violência virtual. Geralmente, em plataformas como Facebook, Instagram e Twitter, o proponente é responsável por desencadear a *estase*, pois é ele quem ratifica ou questiona a questão argumentativa e isso abre espaço para a emergência de contraditores.

A partir da questão argumentativa proposta, vamos arrolar os comentários selecionados e, a partir deles, estabelecer quais atores adotaram a postura de proponentes e de oponentes na construção do conflito impulsionado pela questão argumentativa acima apresentada. A tabela (1) a seguir contém comentários que foram extraídos da mesma postagem e ilustram a troca de internautas (atores) assumindo o papel actancial de proponente, pois, como afirma Plantin, o papel actancial não é fixo, ou seja, pode ser assumido por diversas pessoas desde que defendam o mesmo ponto de vista num quadro

interacional, formando, neste momento, movimentos de coalizão argumentativa.

Tabela 1: Argumentos dos atores que atuam como Proponentes

Argumentos de internautas (atores) que atuam como PROPONENTES		
Comentário 1	Tema evocado pelo argumento 1: “Kit Gay”	“Se ele criou o Kit gay para crianças de 6 anos de idade como ministro da Educação de Lula imagine a imoralidade que esse homem faria como presidente do nosso país. Contra um governo imoral e em favor do futuro de nossas Crianças Haddad você tem meu Desprezo!!!! #EleJamais”.
Comentário 2	Tema evocado pelo argumento 2: Religião	“A palavra de Deus fala não meçam com minhas crianças é ainda tem gente quê se dis cristão apoiando um anjo caído desse”

Comentário 3	Tema evocado pelo argumento 3: Família tradicional	“Vou resumir pra ela os planos de governo do Haddad destruir a inocência das nossas crianças e acabar de vez com o respeito da família tradicional Brasileira”.
Comentário 4	Tema evocado pelo argumento 4: Nação brasileira	“Contra provas e fatos, não há argumentos, esse degenerado criou esse absurdo onde nem gay aceita! Bolsonaro é nossa esperança, Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!”.

(Fonte: Elaboração própria).

A tabela (1) contém quatro comentários que possuem valores ideológicos distintos⁹ – apresentados como temas na tabela em questão –, mas que apresentam a mesma finalidade: mostrar que Fernando Haddad não é digno de representar a nação brasileira. Por isso consideramos esses comentários como pertencentes ao papel actancial de “proponentes”, pois eles ratificaram por meio da elaboração de teses a questão argumentativa colocada e isso acionou para a discussão aliados e contraditores,

⁹ É válido ressaltarmos que o conceito de ideologia adotado neste estudo se alinha à proposta de Van Dijk, o qual define ideologia como “crenças sociais partilhadas pelas coletividades sociais específicas ou ‘grupos’” (DIJK *apud* CHARAUDEAU, 2018). Esta definição se aproxima do conceito de *endoxa*

proposto por Aristóteles ao se referir a valores e crenças sociais sustentados pelo senso comum, ou seja, trata-se de opiniões que dizem respeito a um corpo de crenças aceitas por uma maioria ou por pessoas legitimadas (ARISTÓTELES *apud* SILVA, 2016, p. 51).

formando ali um tipo de coalizão, isto é, de aliança contra o candidato Haddad.

No quadro da perspectiva Dialogal, o comentário (1) é responsável por desencadear a estase, pois, é a partir do compartilhamento da imagem (1) em sua rede pessoal que o internauta ratifica a questão argumentativa – a qual põe em xeque a credibilidade do candidato Haddad – e expõe a seguinte tese: “*Se ele criou o Kit gay para crianças de 6 anos de idade como ministro da Educação de Lula imagine a imoralidade que esse homem faria como presidente do nosso país* *Contra um governo imoral e em favor do futuro de nossas Crianças Haddad você tem meu Desprezo!!!! #EleJamais*”. Em termos estruturais verifica-se, no início desta construção, a falácia do declive escorregadio, na qual a aceitação de uma premissa prévia implicará a aceitação de uma premissa futura indesejada: Se aceitarmos X, em breve aceitaremos Y. Aplicando essa noção nos dados apresentados no comentário (1), temos a seguinte construção: “*Se ele criou o Kit gay para crianças de 6 anos de idade como ministro da Educação de Lula imagine a imoralidade que esse homem faria como presidente do nosso país [...]*”.

Ao concluir a estruturação da sua tese, o internauta apresenta-nos um valor apelativo voltado para a divisão extrema

entre o polo imoral do governo Haddad e a luta pela defesa do futuro das crianças. Veja: “*Contra um governo imoral e em favor do futuro de nossas Crianças Haddad você tem meu Desprezo!!!! #EleJamais*”. O internauta marca, dessa forma, o início da estase, pois, é a partir dessa publicação e do espaço democrático de interação proporcionado pelas redes sociais que se apresentarão seus contraditores juntamente com internautas que se alinham a essa forma de pensamento, num movimento de coalizão argumentativa.

O comentário (2), “*A palavra de Deus fala não mecham com minhas crianças é ainda tem gente quê se dis cristão apoiando um anjo caído desse*” se baseia em valores supostamente ligados à religião cristã para ratificar a proposição inicial de que Haddad quer corromper as crianças e por este motivo aquele candidato não é digno para representar o país. Ao afirmar que “*A palavra de Deus fala não mecham com minhas crianças*”, a autora do comentário faz uso do argumento de autoridade ao evocar Deus. Utiliza-se o discurso de autoridade para legitimar e ratificar um determinado posicionamento por meio do diálogo estabelecido entre os valores partilhados entre o locutor e Deus. Dessa forma, pessoas que partilham dos mesmos valores religiosos se alinharão ao

posicionamento da internauta e isso, no espaço virtual, além de contribuir para a legitimação do posicionamento, divide os internautas em polos antagônicos, o que contribui para a potencialização do dissenso e da violência em rede.

O comentário (3) alinha-se com os valores relacionados à inocência das crianças e a suposta intenção do candidato Fernando Haddad de corromper tal inocência. Acrescenta-se a este ponto de vista valores relacionados à família tradicional, os quais fazem alusão ao núcleo composto por pessoas de bons costumes éticos e morais que respeitam e sustentam os valores tradicionais de uma nação. Verifica-se a mobilização destes posicionamentos a partir de colocações como [Haddad pretende] *“destruir a inocência das nossas crianças”* e *“acabar de vez com o respeito da família tradicional Brasileira”*. Haddad é colocado como inimigo da família tradicional brasileira, assim como também é colocado como inimigo das crianças. O teor persuasivo, ou seja, os mecanismos utilizados para convencer o outro a aderir uma determinada tese, é constantemente marcado nestes comentários por meio do

apelo às emoções, que, neste caso, faz alusão à inocência das crianças.

Por fim, o comentário (4) volta-se para os valores sociais que orientam para uma ideia de patriotismo¹⁰. Isso é reforçado pela replicação do slogan de campanha do candidato Jair Bolsonaro no final do comentário do internauta: *“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!”*. O próprio slogan da campanha faz alusão à aliança estabelecida entre o patriotismo e a religião cristã. *“Brasil acima de tudo”* indica que a nação brasileira é prioridade nesta proposta de governo, na medida em que é colocada acima de qualquer questão. Na sequência, *“Deus acima de todos”* indica a supremacia de uma entidade religiosa sobre a nação, na medida em que se busca evidenciar o respeito e a devoção diante dessa entidade da religião cristã. É interessante observarmos no comentário (3) que para sustentar a ideia de que Haddad havia criado o “kit gay”, o internauta aciona a própria *fake news* para legitimar sua colocação. Veja o comentário na íntegra: *“Contra provas e fatos, não há argumentos, esse degenerado criou esse absurdo onde nem gay aceita! Bolsonaro é nossa esperança, Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!”*.

¹⁰ Entende-se patriotismo como um sentimento de devoção à uma determinada nação. Isso

inclui as noções de crenças e tradições que orientam para o “bem-estar” do país.

Note-se que os quatro comentários destacados acima foram utilizados para ratificar a questão argumentativa que desencadeou a estase e se alicerça em três pilares: **religião, nação e família**. As escolhas argumentativas para fundamentar os posicionamentos dos papéis actanciais de proponente possui como base os três elementos supracitados.

Dessa forma, os quatro comentários apresentados cabem no papel actancial de Proponente na medida em que elaboram teses a fim de ratificar um certo posicionamento a partir da questão argumentativa (*Haddad possui credibilidade para ser presidente do Brasil, sendo ele o criador do material que objetiva doutrinar e corromper as crianças?*). Em outras palavras, os temas ou valores ideológicos marcadamente recorrentes no *corpus* apresentado alicerçam-se em três principais elementos: a família, a religião e a nação. Estes três temas foram orientados para defender um mesmo propósito exposto na questão argumentativa, consubstanciados no papel actancial de Proponente, a partir dos comentários de vários “atores”, sustentando um mesmo ponto de vista. É a partir destes desdobramentos que os discursos contraditórios emergiram, ou seja, na medida em que os internautas se

negaram a ratificar a questão proposta e criaram teses que foram de encontro às teses uns dos outros.

A atuação do Oponente

Discutida a funcionalidade do papel actancial de Proponente, passamos para análise da perspectiva do Oponente. A fim de se compreender o jogo da interação e a progressão argumentativa, a tabela (2) comporta os comentários que se opõem à tese levantada no comentário (1) e seus respectivos seguidores em consonância com a composição da imagem que relaciona Haddad à criação do “kit gay”. Confira:

Tabela 2: Argumentos utilizados pelos Oponentes

Argumentos utilizados pelos internautas que investem o papel actancial de Oponentes	
Comentário 5	Meu Deus gente. Não existe kit gay o que realmente estava para ser posto nas escolas sobre sexualidade e isso é por cada idade fala de cada assunto busquem saber o significado desse projeto para depois vim criticar”.
Comentário 6	Bateu o desespero hein?!rsrsrsrs Primeiro que não existe isso de kit gay (é só mais um termo inventado p/ propagar ainda mais o ódio nos ignorantes); Segundo que o livro “Aparelho Sexual e Cia” não foi “criado” por Haddad e sim pela escritora francesa Helene Bruller e foi lançado no Brasil em 2007 pela

	Companhia das Letras, já foi publicado em mais de 10 idiomas e teve mais de 1,5 milhão de cópias vendidas no mundo inteiro; Terceiro: esse livro não é voltado para crianças (apesar de suas cores e desenhos simplórios) e sim para jovens e adultos; e por último: o livro “Aparelho Sexual e Cia” não faz parte da lista de livros recomendados pelo MEC, ele não está no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), nem no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e nunca foi distribuído em nenhuma escola brasileira [...]”
--	---

(Fonte: Elaboração própria).

O Modelo Dialogal da Argumentação prevê a atuação de pelo menos dois papéis actanciais, a saber, Proponente e Oponente. Como discutido em seções anteriores, uma questão argumentativa, ou melhor, o X da questão, é o que orientará pontos de vista contrários para debatê-la. Na medida em que a questão argumentativa é ratificada e teses são elaboradas para justificá-la, temos o papel actancial de Proponente. Por este motivo, na medida em que a mesma questão argumentativa não é ratificada e na sequência elaboram-se teses a fim de sustentar o ponto de vista contraditor, temos o papel actancial de Oponente. Desse modo, por não ratificar nenhuma tese levantada pelos Proponentes e, em

seguida propor uma tese contrária a eles, os comentários (5) e (6) assumem o papel de Oponente.

No comentário (5) o internauta chama atenção para o fato da inexistência do suposto “kit gay” e aventa uma explicação sobre o teor do projeto Escola Sem Homofobia. Já o comentário (6), além de opor-se às ideias levantadas pelos Proponentes, estrutura seu contradiscurso por meio do levantamento de quatro contrapontos que estavam sendo levantados pelos contraditores. De maneira geral, o internauta apresenta os seguintes contra-argumentos: primeiro, o fato de não existir o “kit gay”; segundo, o material Aparelho Sexual e Cia não ser de autoria do candidato Fernando Haddad – como assegura Jair Bolsonaro; terceiro, afirma que o material não é direcionado para crianças; por fim, assegura que o livro Aparelho Sexual e Cia não foi adotado pelo MEC, como afirma alguns contraditores e não se encontram exemplares deste material em escolas públicas. Dessa forma, o internauta responsável pelo comentário (6) expõe e sustenta sua argumentação a partir da explicação do projeto desenvolvido no livro Aparelho Sexual e Cia e sua dissociação do teor ideológico de

doutrinação por meio da implementação deste material nas escolas públicas.

Considerações finais

Foi neste contexto de disseminação de *fake news* que levam à violência verbal em rede, de participação ativa dos eleitores em assuntos ligados a questões políticas, ideológicas, por meio das redes sociais, que a eleição para a presidência do Brasil no ano de 2018 transcorreu. Assistiu-se, desse modo, a uma eleição que assumiu novas formas de interação ao migrar do debate televisivo para o debate midiático, permitindo, dessa forma, maior participação e interação entre os eleitores e os candidatos.

O Modelo Dialogal da Argumentação relaciona-se com a polêmica na medida em que nutre-se do dissenso. Mas é válido ressaltarmos que nem sempre o dissenso emerge atrelado à polêmica (PLANTIN, 2016). Na análise apresentada tentamos mostrar, a partir de comentários de internautas, que a disseminação de *fake news* contribui para a potencialização do dissenso devido ao seu caráter viral e seu teor persuasivo. O caráter viral deve-se à forma como se configura a interação por meio das plataformas digitais (número de curtidas, por exemplo), enquanto o teor persuasivo relaciona-se com a mobilização de valores apelativos

voltados para a emoção do sujeito (religião, nação, família). Ou seja, os valores são direcionados ao apelo às emoções do sujeito. E isso é ratificado a partir do conceito de *post-truth* (Llorenete, 2017) em que as emoções possuem maior credibilidade se comparadas aos fatos. Dessa forma, banaliza-se a mentira e se instiga a violência, ao passo que se relativiza a verdade, fazendo que a credibilidade dos veículos de comunicação seja reduzida a opiniões pessoais violentas.

Como discutido em seções anteriores, sabe-se que as pessoas estão propensas a serem influenciadas pelas emoções e não por fatos – *post-truth*. Sabe-se também que uma das principais características das *fake news* é seu teor apelativo, o exagero voltado para as emoções, que se mobilizam de forma muitas vezes agressiva. Dessa forma, utilizar *fake news* para pôr em xeque a credibilidade deste ou daquele candidato em período de eleições faz com que as *fake news* sejam categorizadas como estratégia política de manipulação de dados que objetivam deturpar ou até mesmo manipular a formação da opinião pública. E foi neste contexto que as eleições presidenciais no Brasil no ano de 2018 ocorreram.

A partir da análise apresentada, vimos que tanto o papel de Proponente, como o

de Oponente pode ser assumido, em uma mesma cena interacional, por vários interlocutores por meio de estratégias argumentativas diferentes. Vimos que no papel de Proponente foram apresentados três temas diferentes, mas que convergiam para um mesmo ponto: tínhamos discursos pautados na religião, na concepção de nação e família voltados para a problematização da credibilidade do candidato Fernando Haddad. Os argumentos utilizados pelos Oponentes apresentavam-se de forma semelhante, isto é, voltados para a explicação do projeto Escola Sem Homofobia. As alegações do candidato Jair Bolsonaro envolvendo o “kit gay”, o Haddad e o projeto Escola Sem Homofobia influenciou a divisão dos internautas/eleitores principais grupos antagônicos: o primeiro grupo disposto a ratificar e defender por meio da elaboração de teses a questão

argumentativa levantada; e o segundo, disposto a questionar as teses levantadas e elaborar teses capazes de desmentir a afirmação e explicar o teor do projeto.

É neste contexto de polarização extremamente violenta entre grupos nas redes sociais que as *fake news* têm sido acionadas nos discursos a fim de corroborar este ou aquele posicionamento. Verificou-se que as discussões políticas veiculadas pelas redes sociais objetivavam a intensificação da polarização e não uma possível troca de experiências ou pontos de vista. É neste contexto que as *fake news* atuam em prol da potencialização do dissenso. Esta pesquisa é um tênue exemplo de como a violência tornou-se algo onipresente na vida dos brasileiros. E ela é, como vimos, vivida cotidianamente pelos mais diferentes meios de comunicação, entre eles as plataformas digitais como o Facebook.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Coordenação da tradução: Mônica Magalhães Cavalcante; tradução: Rosalice Botelho [et al.]. – São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, Ruth. **Argumentação no discurso**. Coordenação da tradução: Eduardo Lopes Pires e Moisés Olímpio-Ferreira. Tradução de Angela M.S. Corrêa... [et al.]. – São Paulo: Contexto, 2018.

ANGST, Flávia Holz; BOGLER, Carolina Marcelli. *Fake news: A influência nas eleições norte-americanas e as medidas preventivas norteadoras das eleições brasileiras de 2018*. (Re)Pensando Direito, Santo Ângelo, v. 17, n. 9, p. 259-274, 2019.

BRAGA, Renê Moraes da Costa. A indústria das *fake news* e o discurso de ódio. In: PEREIRA, Rodolfo Viana (Org.). **Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio**. Volume I. Belo Horizonte: IDDE, 2018. p. 203-220.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; LIMA, Nelci Vieira de. Argumentação e polêmica nas redes sociais: o papel da violência verbal. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 73, jan. 2017. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/8004>>. Acesso em: 26 de agosto de 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.17058/signo.v42i73.8004>.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução: Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

GRÁCIO, R. A. **Discursividade e perspectivas: Questões de argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2009.

GRÁCIO, R. A. **A interação argumentativa**. Coimbra: Grácio Editor, 2010.

GRÁCIO, R. A. **Teorias da argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2012.

GRÁCIO, R. A. **Vocabulário crítico de argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2013.

LAZER, David M. *et. al.* The Science of *Fake news*. **Science** 09, Mar. 2018: Vol. 359, Issue 6380, pp. 1094-1096. Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/359/6380/1094>.

LLORENTE, José Antonio (org.). A era da Pós-verdade realidade versus percepção. **Uno: desenvolvimento e ideias**. São Paulo: Editora Mattavelli, 2017.

MASSMANN, Débora, R. H. O estudo da argumentação em uma perspectiva dialogal entrevista com Christian Plantin. **Entremeios: revista de estudos do discurso**. v.2, n.1, jan/2011. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/> Acesso em: 19 de maio de 2019.

PERELMAN, C. et OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação: a nova retórica**. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão; [revisão da tradução: Eduardo Brandão]. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

PLANTIN, Christian. **Argumentação: história, teorias, perspectivas**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PLANTIN, Christian. Análise e crítica do discurso argumentativo. Tradução de Rodrigo dos Santos Mota; Sébastien Giuliano Giancola; Thaise Almeida dos Santos. Revisão da tradução de Moisés Olímpio Ferreira; Sérgio Israel Levemfous. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.1, p. 17-37, nov. 2011.

PLANTIN, Christian. **Dictionnaire de l'argumentation** – une introduction aux études d'argumentation. Lyon: ENS Éditions, 2016.

PLANTIN, C. **Dictionary of Argumentation**: A Introduction to Argumentation Studies. United Kingdom: College Publications, 2018.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Como vencer um debate sem precisar ter razão**: em 38 estratégias (dialética erística). Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de ter razão**: 38 estratégias. Trad. Milton Camargo Mota. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SILVA, C. M. de M. e. O conceito de doxa (opinião) em Aristóteles. **Linha D'Água**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 43-67, 2016.